

PREFÁCIO

Estamos fechando 2023, no estado de Mato Grosso sob um calor intenso, uma falta de chuva no chão pantaneiro, no cerrado e na floresta. Os organismos científicos tem nos ditos que este ano de 2023 é um dos mais quente, que o aquecimento global está em curso e que as mudanças climáticas tem afetado o planeta como um todo.

A sazonalidade pantaneira aguarda, assim como eu, a chuva para que o ciclo seja cumprido e para que haja biodiversidade próspera, para que os peixes subam os rios...Para que as garças tenham alimentação, para que o pantaneiro e a pantaneira desenvolvam suas funções agregadas ao pantanal.

O cerrado mesmo gostando do calor, estranha tal quentura...

A floresta está silenciosa, os biscateiros cantam pouco...E sob a escuta dos povos originários, dos Apiaká afirma-se que os impactos são culturais e sociais, pois oralizam o que observam... Há um atraso nos frutos dos Castanhais...

Escrevo também no aguardo da chuva..... Mas, meu pensamento pelo sentir do corpo em calor, lê os impactos, o aumento do agronegócio, as monoculturas, os desmatamentos...enfim... algumas ações que aos nossos olhos contribuem para essa crise climática que estamos vivenciando.

É nesse ambiente interno de sentir o clima que escrevo o prefácio desta revista, um projeto sonho de um grupo de professoras do noroeste do estado de Mato Grosso, gentes do Pantanal, do Cerrado, que reunindo-se no chão da floresta, nos interculturalizamos geograficamente, e, nos desenhamos decolonialmente de uma forma que aprendemos a ser nós, entre nós e conosco mesmas pelas dores, sonhos, amores e luta.

Uma construção de sonho relativizada no campo acadêmico em diálogo com a ciência e com a ciência dos saberes tradicionais, de povos originários, quilombolas, povo negro, povos urbanos, todos em diálogo na educação. Uma rizomática espiralizada como a árvore do conhecimento, designer da revista.

Assim, cada número vai abraçando outros e outras, textos que escritos anunciam e denunciam formas de se relacionar no mundo em conectividade ou com a educação popular ou com a educação escolarizada. Abraça-se e aprende-se porque a revista vai constituindo-se em diferentes textualidades de diversos lugares, diversas pessoas, e por isso espiralizado.



No espiral em rizomas, meu corpo vai sendo abraçado, ainda que em quentura... Mas, uma quentura outra, agora os do afago que os textos trazem... E o primeiro texto tem como título A PINTURA CORPORAL E O GRAFISMO INY de autoria de Sandra Hakuwi Kuady e Alexandre Mariotto. Botton. O texto evidencia a pintura corporal, os grafismos como parte da ancestralidade e estas se conectam com danças, rituais, vivências do povo Iny... Elas também estão na escola, não para ser didatizada, mas para ser elemento próprio de aprendizagem Iny. São também território de luta nos movimentos indígenas ao mesmo tempo que territorializam os corpos Iny pela identidade de sê-los.

Posteriormente, leio MARIA FAZ FAVOR": DONA REGINA, UMA NARRATIVA DE AMOR COM AROMA DE BOLO DE ARROZ... Sinto o cheio, vejo os fornos, o fogo, o bolo de arroz, nosso cerrado e as comunidades pantaneiras matogrossenses... Me enlaço espiralando em gosto! E com amorosidade freireana, pareço ouvir a voz de Dona Regina. Trata-se de um artigo escrito com sonoridade sobre um patrimônio cultural de Cáceres, "o bolo de arroz", mas tem também Dona Regina como patrimônio, pois pela narrativa e pela história oral os autores adentraram no enredo da vida de Dona Regina e de lá saem com o bolo de arroz. O texto foi escrito por Maria Aparecida da Silva e Edson Silva de Lima.

O terceiro texto desta edição é sobre ESTRATÉGIAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR NA ESCOLA ESTADUAL RUI BARBOSA EM ALTA FLORESTA- MT. Alta Floresta, é um município que fica no extremo norte do estado de Mato Grosso, na floresta amazônica... Como dizem os autores Luiz Felipe da Silva, Gabriela Rodrigues, Rosângela Reis e Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, mais um dos municípios colonizados no bojo da ocupação da Amazônia promovida pelo governo federal... Enfim...o artigo se articula a um pensamento de descolonização verde, ou seja, preocupa-se com uma forma outra em relação a alimentação. Assim, traz a reflexão da agricultura familiar como uma modalidade de produzir a segurança alimentar, e associa a esse pensamento as possibilidades de hortas escolares para que sirvam de instrumentalização pedagógica para o Bem Viver, como nos explica Alberto Acosta (2016).

O Bem Viver se insere dentro de um aprendizado que é para toda a humanidade, que significa conexão de saúde física com saúde emocional, a complexa relação em prol do bem estar que inclui afetos e cuidados. A PRODUÇÃO, OS



SENTIDOS DO CÂNCER E A CIRCULAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO AMIGAS DO PEITO: REDE DE AFETOS NO CUIDADO, é um texto escrito por Roberto Abib e aborda pelo viés midiático histórias de mulheres mastectomizadas juntamente com a criação de uma rede de sustentação emocional, um jeito de amparar-se amparando pela produção cineasta, um bem viver articulado à tecnologia na formação de afetos.

Faltava-me música... E ela veio, escrita por Ana Paula Peixoto e Jucieli Bertoncello, veio com o título: A MÚSICA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, com ela trouxe as crianças, o maternal, os pequeninos em experiências pedagógicas com o cantar e ouvir música despertando habilidades com os sons, a descoberta dos barulhos do mundo... Apresenta uma compreensão que eterniza a música na vida humana, pois é benéfica em todas as fases da nossa vida, afirmam as autoras. Com os pequeninos é importante aprender os ritmos, os sons... aprender a ouvir os diferentes tipos de sons e diferenciá-los... Música é ludicidade! Contribui com a inteligência emocional!?

A música, a relação de afeto produzem a consciência das emoções e é importante em todos os estágios de desenvolvimento da criança, portanto, A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A INTELIGÊNCIA SOCIOEMOCIONAL fazem parte de uma distribuição de tempos, espaços, relações afetivas também presentes da Educação Infantil. A afetividade precisa estar presente na Educação Infantil como prática que contribui para a aprendizagem da criança, assim afirmam Lucas dos Santos Macedo e Janiara de Lima Medeiros.

Pensar na afetividade, na presença da amorosidade como instrumento tácito de relações humanas e aprendizagem, e ainda como elementos necessários à vida nos leva até o texto do quarteto: Celi Corrêa Neres, Hugo Jader Monteiro Cardoso, Jaqueline Daniela Basso e Mariuza Aparecida Camillo Guimarães. Que trazem CONFERÊNCIA NACIONAL POPULAR DE EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL: NOTAS SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Apresentam que sobre a Educação Especial (EE) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), como ferramentas de garantia de direito à educação de pessoas com deficiências e transtornos globais do desenvolvimento no âmbito da Conferência Nacional Popular de Educação/2022 – Etapa Mato Grosso do Sul. Aborda o processo histórico de luta dessas duas modalidades de educação, a criação de leis e documentos que orientam práticas e organizações, porém, sinaliza também que



documentos, normas, leis não tem sido suficientes para a real efetivação de atendimento e inclusão social, ainda ressalta a importância da mobilização contínua como forma vigilante provocadora da materialização dessas políticas públicas. Observa-se que os movimentos sociais e a educação popular se materializam como instrumento de lutas e possibilidades de conquistas.

A educação popular, os movimentos sociais *sine qua non* estão ligados as Lutas de classes como uma pedagogia dos oprimidos, as vezes dialogicizadas com grupos institucionalizados. Escrevem, Jenilson de Aguiar Bianco, Jucileide Alves Ribeiro, Jane Amorim da Silva e Laudemir Luiz Zart sobre os CURSOS VIA PRONERA DESENVOLVIDOS NA UNEMAT/CAMPUS UNIVERSITÁRIO JANE VANINI/CÁCERES-MT: A MATERIALIZAÇÃO DA LUTA DE CLASSES E A FORMAÇÃO DECOLONIAL. Uma apreciação que problematiza as lutas sociais pela educação do campo, posteriormente materializada em dois cursos sendo eles: Pedagogia da Terra e da Agronomia dos Movimentos Sociais do Campo, ambos ofertados pela UNEMAT, e ao descrever e discutir as experiências no texto produz um dialogo entre o materialismo histórico dialético com a decolonialidade, pois os cursos são pautados pelos protagonistas que deles participam desde a sua gênese sem perder de vista o movimento e a luta de classes para uma construção outra aos homens e mulheres do/no campo.

Compreendemos que os espaços de se constituir em aprendizagens vão se dando em diferentes espaços e modalidades como temos vistos, na aprendizagem fora da escola, nas aprendizagens mediatizadas por escolas, pelas vias midiáticas, pela experiência vivida, pelos saberes ancestrais, enfim...em lugares e espaços distintos.

Também lemos que a universidade se coloca em diferentes contextos de aprendizagens, bem marcados nas suas construções de ensino, pesquisa e extensão, e é assim que trazemos uma experiência extensionista a partir do texto NO RITMO DA DANÇA: ARTICULAÇÕES ENTRE PROJETO DE EXTENSÃO E CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA, escritos por Érica Lopes da Silva, Natalina Aparecida da Silva Reis, Ronélia do Nascimento e Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, uma troca intercultural na cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, as acadêmicas levaram uma música dançada e coreografada “Pérola Negra” e observaram as batidas



Prefácio

dos pés das mulheres negras, a dança do chorado, uma aprendizagem dialogada no interior do curso de pedagogia do Campus Universitário de Juara-MT.

Iniciamos este prefácio com um dos povos originários deste país, o povo Iny e vamos finalizando trazendo o protagonismo negro, violentamente trazidos para este país, assim trouxeram conhecimento, ciência, e conquistaram espaços na sociedade através de muitas lutas. O artigo tem como título PONTO DE CULTURA AFROBRASILIDADE: ANCESTRALIDADE, PATRIMÔNIO E RESISTÊNCIA ATRAVÉS DA CAPOEIRA de Lúdio Nei Fiorentim e Priscila Cristina Fernandes. É sobre um jeito de trabalhar a afrobrasilidade com crianças e adolescentes com danças, musicalidade, capoeira em Tangara da Serra-MT. É trabalhar a cultura sendo a própria cultura brasileira.

Encerro este prefácio suscito, com um relampejo acerca dos textos que fazem parte desta edição da revista, e confesso que o fiz numa única sentada, dado o tempo, e o término do ano que se aproxima... Também confesso que o faço de forma exausta, mas com paixão e, parece brincadeira...acreditem ou não iniciei quase implorando por uma chuva e choveu...

Hoje, dia 20 de dezembro de 2023! No aconchego da minha casa...

Hoje, dia 20 de dezembro de 2023! No aconchego da minha casa...

Cáceres-MT

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

